



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

O "LIMPA-CHAMINÉS,"

Por ALEXANDRE GAMA — Premiado da série A

Desenhos de Adolfo Castané

LIMPA-chaminés!... Limpachaminés!...

Assim apregoava um rapazito, pálido, magro, olhinhos vivos e inteligentes, miseravelmente vestido, compridos paus sobre os ombros já cançados, e que, a custo, ia subindo aquela íngreme ladeira lá da aldeia...

Limpachaminés!...

Limpachaminés!... — ia repetindo na sua voz infantil. Ia triste e desanimado, pois o dia principiava mal, e já, na véspera, o patrão, que o contratara a tróco, apenas, duns míseros bocados de pão, a que ele pomposamente chamava — a ceia — lhe havia feito sentir todo o peso da sua mão brutal, vendo, apenas, no fundo da sacola, algumas — e bem poucas!... — moedas de cobre.



Orfão de pai e mãe, o rapazinho vivia entregue àquele homem, de aspecto duro e carregado que o recolhera, e a quem ensinara a a sua profissão. A princípio levava-o consigo e tornara-o seu ajudante, varrendo, segurando os paus e trepando até ao ponto mais alto da chaminé, onde se tornava necessário limpar, visto que, ágil e magro, mais facilmente ele se segurava. Mas as cousas iam cada vez pior, — (dizia ele) — e assim necessário se tornava ir cada um por seu lado governar a vida. Quando, porém, o pobre rapaz nada apurava, era sempre brutalmente tratado, e recebido com censuras e repreensões.

— «Entra aqui, rapazito, por essa porta»... assim dizia uma criada do antigo palacete que pertencia a uma das mais nobres famílias do lugar. Nêle viviam, apenas, duas senhoras, únicas descendentes daqueles que, outr'ora, todos conheciam pelos «Senhores da aldeia»... E o rapazito lá foi, no cumprimento do seu trabalho, limpar a chaminé dum antigo fogão de sala, contente agora na esperança do ganho que não tardaria, e por certo iria contentar, à noite, quando fôsem horas de recolher, o seu severo patrão. E o trabalho lá seguiu, e a vassoura e o pau não descansavam agora... Mas, ao tocar em certa



(Continua na pag. 3)

AMIZADE PURA

Por Armando Vilela Moraes
Desenhos de A. Castané

Premiado da Série B

— **M**INHA mãe! ! Que suave é o ritmo da ópera que ontem ouvimos no teatro! Quem foi o seu autor? — perguntava um endiabrado garoto, de 9 anos, a sua mãe, uma senhora de nobres sentimentos e dotada dum excelso coração maternal!

— O compositor de tam sublime poesia musical, foi o célebre Haëndel!

— Quem foi esse Haëndel, máisinha?

— Um compositor alemão que morreu cego em Londres, em 1759, e coroado de glória com o inigualável oratório de «Israel no Egito»!

— ¡Quem me dera possuir tam elevado espirito artistico, minha mãe!

Esta frase fôra modulada de tal modo por Dino, nome porque era tratado, familiarmente, o travesso e inteligente pequeno, que sua mãe não se conteve sem que o beijasse e o apertasse de encontro ao peito, dizendo:

— Quem sabe, filho! Talvez venhas a ser como um dos homens cujos nomes ficaram gravados na história da música! ! Para isso, deves estudar, sempre, com persistência! E por largo tempo ficaram mudos e absortos,



sendo acolhidos com prazer pelo diligente Dino que os conduziu a uma ampla sala, precisamente aquela em que já se exercitava no culto das belas-artistas.

Dino era um rapazinho a quem o ânimo ao estudo não afrouxava. O seu jôvem espirito já revelava alguma coisa de importante: a melodia de suas sonatinas. E nessa noite, entre rosas e sorrisos, conseguira, mais uma vez, obter um êxito extraordinário ante a expectativa dos circunstantes.

Anos depois, estando Dino, chamêmos-lhe agora Amadeu, passeando, numa tórrida tarde de Julho, sôb a fresca sombra dos plátanos dum jardim, encontrou um seu amigo íntimo, pessoa a quem dedicava especial afeição, pois, mal cuidava que tratava com um destes «amigos imprudentes». Cumprimentaram-se, e o falso amigo logo lhe dirigiu estas palavras à queima-roupa:

— És um réles praticante musical, segundo dizem os periódicos e...

— ¡Estimo muito! Com que então já anda o meu nome pelos periódicos?! Claro que só por troça! — proferiu Amadeu, rindo-se despreocupadamente, mais aumentando, assim, a inveja do seu «amigo», que mordida os lábios, numa indecisão.

Passados, porém, alguns momentos, volvia-lhe com a maior desfaçatês:

— ¡Sabes, Amadeu, para te confessar a verdade seria melhor desistires dos teus intentos, pois, como deves compreender, já ninguém acredita na pureza do estilo das tuas composições! ¡Como «sincero amigo» aconselho-te a que abandones a carreira das belas-artistas!

Iam, assim, conversando, até à praia próxima, perto das ondas que, indiferentes ao diálogo, vinham estender seus alvos mantos arrendados sôbre a areia fina, ou bater com fragor contra as rochas descarnadas da praia.

Quando passavam perto duma furna, o falso amigo, que se chamava Carlos, convidou-o a examiná-la,



enquanto uma vizinha acabava de executar, ao piano, uma inspirada ópera de Haëndel.

O dia amanhece alegre e festivo. Os montes, vestidos de galas, ora de rosas-silvestres, ora de plátanos ou de pinheiros seculares, sobranceiam a vasta e verdejante campina que vem inorrear perto da sóbria moradia de Dino. A própria Natureza compartilha da alegria e satisfação do pequeno que completa, nesse dia, 15 anos. Sua mãe presenteia-o com a doçura do seu amor e belos exemplos morais.

Os convidados vão entrando, sorridentes e afáveis,

3.º CONCURSO MENSAL PARA COLORIR

de POESIAS E CONTOS INFANTIS

Concorrente classificada



Maria Alda Neves da Graça
Mira

Série C do 1.º e 2.º Concursos

Está aberto, desde o princípio do mês corrente, o 3.º Concurso desta 1.ª Série, cuja nova lista de prémios publicaremos no próximo número.

Aconselhamos os concorrentes de qualquer das séries A, B ou C, a que nos enviem composições que não excedam duas páginas de papel almaço e a que, de preferência, escolham, para tema das suas produções, assuntos alegres e facilmente assimiláveis à inteligência dos pequeninos leitores a que se destinam.

ADIVINHA MUSA INFANTIL

O CASTIGO

I

A Lili veio, a chorar,
Como uma vide talhada!
Nada há para a consolar,
Que ela não atende nada.

II

E' que, voltando, apressada,
Dum passeio pela aldeia,
Viu, toda desesperada,
Um buraco num meia.

III

A mãe, (como ela, amuada,
A razões não atendesse),
Deu-lhe uma agulha enfiada
E ordenou-lhe que a cosesse.

Madalena Taveira

Qual a cousa, qual é ela?

I

Sou de grande rectidão,
sou de madeira ou metal,
e uma das mais lindas vilas
dêste lindo Portugal.

II

Porque ao vício dou guarida,
sou da Igreja coisa ingrata,
mas no fim da minha vida,
acabo sempre em beata.

Solução das anteriores

- 1 — Caneta
- 2 — Pirlampo



Meus meninos:

Na Mandchúria está êste
soldado japonês, do exército
do general A-KA-TU.

Onde está o general?

MÁS COMPANHIAS

Por MARIA AFONSO OEIRAS (TOUTINEGRA)

PREMIADA DA SERIE C



ARIAZINHA já estava um pouco cansada de percorrer as bem cuidadas ruazinhas daquele jardim público, empurrando o carrinho da sua linda boneca.

A avó, a santa avózinha, aguardava-a a distância, sentada num dos bancos, fazendo as habituais malhas, que, de quando em quando, distribuía pelas criancinhas pobres.

— Avó, — (chamava Mariazinha, sentando-se ao pé dela) — converse comigo, conte-me coisas.

D. Teresa assim fez; guardou o *crochet*, tirou os óculos e, com um sorriso no rosto engelhadinho, puxou a si a neta, e disse: — Pois sim, Mariazinha, vamos conversar um pouco, aspirando a perfumada brisa d'êste final de dia, divinamente belo. Vou contar-te um factó passado quando esta tua avózinha era, como tu, jóvem e bela; factó que bem merece toda a tua atenção; escuta:

Quando eu tinha dez anos, ia a casa da minha mãe, coser e engomar roupa, uma mulher chamada Ana que possuía uma filha linda: a Rosita, como todos a tratavam, por se chamar Rosa e ser como esta flór bela e gentil. Essa garota ficava sózinha em casa durante todos os dias da semana, excepto aos domingos, dias em que a mãe não ia trabalhar e às quintas-feiras, dia em que, como não tinha aulas, ia brincar comigo. Passávamos êsses dias deliciosamente.

Certa quinta-feira, Rosita veio como de costume e, logo de manhã, fomos brincar para o jardim até à hora do almoço, que comíamos sempre com apetite, após sal-



tarmos a corda e outras semelhantes brincadeiras. Depois do almoço, dirigimo-nos à casa dos brinquedos, onde eu, que adorava histórias, as lia alto, enquanto Rosita se entretinha com todos os meus brinquedos. Depois do lanche, eu a dar lição de piano e Rosita ficava a brincar, sózinha.

Nêsse dia, durante todo o jantar, Rosita pareceu-me preocupada, olhando, de quando em quando e sempre a médo, um dos móveis, que tinha em cima seis jarrinhas que meu paizinho trouxera da Holanda. Findo o jantar, só eu e a Rosita ficamos na sala e, como ela me pedisse um

livro de histórias para ler em casa, saí a buscá-lo. Quando voltei, ela já estava no corredor, apertando contra si um velho casaco, que fôra meu.

Despedimo-nos e Rosita saiu com a mãe; então, ao fecharem a porta, ouviu-se um estrondo, semelhante ao baque dum corpo e um tilintar de louça que se parte. Minha mãe e eu dirigimo-nos à escada, apressadamente. Mal chegámos, notamos que Rosita se levantava e, brilhando sobre o encerado, vimos fragmentos de louça igual à das jarrinhas que tínhamos na sala de jantar. Minha mãe retirou-se por momentos, voltando com quatro jarras apenas e dirigindo-se à senhora Ana, disse-lhe: — Ana, ensine a sua filha a não mexer no que lhe não perience!

— Então, a mãe de Rosita, sufocada pelo choro, voltou:

— Perdõe-me, senhora D. Laura; quem tirou as jarrinhas fui eu mas tencionava trazer-lhas novamente.

— Então porque não mas pediu?! — E, dizendo isto, minha mãe retirou-se, chamando-me.

Na manhã seguinte acordei ouvindo grande alarido; ergui-me e fui ver... Era Rosita que subia a escada chorando. Assim que viu minha mãe, deitou-se-lhe aos pés. Esta, muito a custo, levantou-a, pedindo-lhe que cessasse de chorar e dissesse ao que vinha.

Então, Rosita explicou: — Era mandriona e detestava o Colégio. Todos os dias prometia à mãe não faltar às aulas mas só tarde se levantava e em vez de estudar ia brincar com os garotos da rua, quasi sempre maus e mal educados. A mãe já lhe fizera ver a inconveniência dessas más companhias mas ela jamais a atendera. Num dos dias anteriores à quinta-feira que passara, recebera em casa uma garota que lhe mostrara uma imagem de Santo António num pequeno altar com a respectiva toalha e as pequeninas-velas, dizendo-lhe ser tudo aquilo para armar no patamar da sua casa, nas vésperas do dia de Santo António, e pedir aos transeuntes esmola para aquele santinho. Bom dinheirinho havia de apurar! Ouvindo-a, Rosita entusiasmou-se. Propôs, então, a garota que a deixasse pedir, também, na sua companhia. A outra, porém, voltou-lhe: — Deixo, se tu trouxeres umas pequeninas jarras para as pôr, com flôres, sobre o altar; ficará muito mais bonito! Uma vizinha minha tem duas jarrinhas para o altar dela e eu não!

— Não tenho jarras, respondeu Rosita, cheia de pena.

REVIVER

Por FLOR DE LYZ — Desenhos de A. Castañé
Premiadada Série C

Não tenho sono ainda, minha avó!
Mandaram-me deitar, mas vem também!
Quero ouvir-te cantar, antes do «ó-ó»,
Cantigas que cantaste a minha mãe!

Assim, vou reviver a infância, ainda,
que ela viveu, entregue ao teu abraço...
É vou adivinhá-la, muito linda,
deitadinha, a sorrir, no teu regaço...

Eras nova, também. Tudo sorria!
Tuas palavras eram preces, rezas...
Após tua canção, adormecia,
sonhando com rainhas e princesas!

E tu, minha avózinha, em teu enleio,
De mãe feliz, ditosa, enternecida,
Entre beijos, cingias ao teu seio,
a filha pequenina, adormecida...

O tempo foi passando... Ela cresceu
E teve, como tu, ância secreta...
A pequenina loira, hoje, sou eu...
Não sou tua filhinha... mas sou neta!

Anda! Vem-me cantar essa canção!
Não vês que quero adormecer, também?!
Eu pertenco-te de alma e coração,
Porque uma avó é duas vezes mãe!

FIM



— Compra-as, voltou-lhe a outra. — Não tenho dinheiro!
— Então rouba-as, se quiseres! Sem elas não pedirás
comigo para Santo António. E retirou-se, soberba.

No dia seguinte, Rosita foi para a minha casa, viu as
jarrinhas e não pôde resistir à tentação. Tirou duas, tencio-
nando trazê-las novamente mal acabasse a pedincha.
Deus, contudo, não quizera, fizera com que elas caíssem e
se quebrassem, descobrindo-se tudo.

Quanto depois se arrependera! Sua mãe tomara sobre
si aquela feia acção, mas, até casa e durante aquela com-
prida noite, não cessara de chorar, sem reparar nela, que
não sabia como não endoicera de remorsos.

E ali estava pedindo perdão ou que a castigassem só
a ela; que a não quizessemos lá mais, a brincar comigo e
com os meus lindos e inúmeros brinquédos mas que con-
tinuassem a dar trabalho à pobre mãizinha que não fôra
culpada.

Eu e minha mãe estávamos comovidíssimas.

Apareceu, então, a senhora Ana, cheia de aflição, pro-
curando a filha. Minha mãe, além de perdoar, deu-lhes
um quarto que ambas habitariam dali em diante. Assim
Rosita estando sempre comigo, ver-se-ia livre das más
companhias, que são sempre perniciosas.

Pregões de Lisboa

Por ODETTE DA PIEDADE PASSOS

Desenho de Castañé

PRMIADA DA SÉRIE A

Manhã cedo. O sol dourado a tudo vai dando côr: há já vida na cidade, já nela se ouve rumor.

Vendedores ambulantes, começam a aparecer. Vamos lá ver, ó freguezas, o que trazem p'ra vender?!

Oito horas, à nossa porta, passa agora a tia Chica. Com sua voz compassada, apregôa:— «Fava rica!...»

Lá vem, também, a peixeira com seu trajo pitoresco, dizendo:— «Ô viva da costa», ou, então:— «Carapáu fresco!»

E agora, de tôda a parte se ouve gente que apregôa, gritando:— «Quem quer' laranja, quem compra laranja boa?»



«Merca o cabaz de morangos...»
«Olha o Século, o Notícias...»
«O' boa amora da horta!...»
«Quem quiere ameijoas p'r'arroz...?»

«Erre, erre, mexilhão!...»
«O' pescadinha marmota!...»
«Compra o raminho de flores!»
«O' figo de capa-rotá!...»

E com a lata no braço, fresquinha qual frêsko arroio, passa a linda vendedeira, cantando:— «O' queijo saloio!...»

E tudo lá vão deixando p'la cidade, os vendedores. Mas, para ganhar a vida, que canseiras, que suores!

■ F I M ■



Foi solene o silêncio que se seguiu a esta narração, silêncio que Marizinha cortou, exclamando:

— Avó, como a sua mãzinha era boa! Que pena que todas as meninas não tenham uma avôzinha bondosa como a minha, que as acompanhe, fazendo-lhes ver o que é bom e o que é mau!

— Assim é, minha netinha; são preciosos os conselhos dos mais velhos. Nunca o esqueças e, vamos até casa... E' chegada a hora de jantar.

E sumiram-se, enlaçadas, por detrás duma roseira florida que exalava um perfume delicioso.

■ F I M ■

CORRESPONDENCIA

Berta Sobral:— Acuso recebido o conto *Arrependimento* que, apenas, peca por ser um pouco longo, motivo porque não poderá ser publicado.

Mário Pereira:— Podes mandar os desenhos e as adivinhas. Se forem dignos de figurar no «Pim-Pam-Pum» serão publicados.

Sempre às ordens,

TIO PAULO

Colaboração Infantil



dizendo-lhe êle que se não quizesse, o faria êle só, ao que Amadeu lhe replicou, prevenindo-o.

— Cautela, Carlos! Não sejas imprudente! O mar, aí, é traiçoeiro!

Porém, Carlos insistia:

— O que tu tens é medo! E para lá se dirigiu, enquanto Amadeu sentado num calhau, ruminava no que lhe havia dito o seu «amigo» no jardim. Pouco tempo depois, uns gritos lancinantes de socorro despertaram-lhe a atenção. Eram de Carlos, que fôra surpreendido por uma onda a qual, entrando na furna, o arrastara consigo. Então, Amadeu, sem hesitação, lança-se ao mar, nadando com pericia; uma onda colossal, como barreira líquida, fizera submergi-lo, reaparecendo junto do desgraçado Carlos.

Instantes passados, atingiam a praia, que se encontrava coalhada de numeroso público estimulado pela cêna que acabava de ocorrer. Uma estrepitosa salva de palmas acolhera Amadeu e Carlos que, de rosto ruborizado, se joelhava aos pés do seu salvador e amigo.

— Perdoa-me, Amadeu! Sou um imbecil! Foi a inveja que fez com que eu te aconselhasse a abandonar os estudos! Perdoa-me! Serei sempre teu verdadeiro amigo e oxalá to possa comprovar!

De facto assim succedeu: Carlos recebera um sublime exemplo de moral.

E numa certa noite, num luxuoso teatro de Berlim,



exibia-se a magnífica «Nozze de Figaro» composta por Amadeu, num estilo elevado e magestoso.

Compôs, também, outras obras belas pelo seu puríssimo estilo, como a «Flauta Mágica», «Dom João», e um «Requiem», que, sendo o seu canto de cisne, e celebrizou. Deyeis ter já adivinhado quem foi o compositor de tam belas sonatas, e cujo nome, como sua mãe antevera, ficou gravado na história da música. Foi Wolfgang Amadeu Mozart.

O "Limpa Chaminés"

(Continuado da pagina 1)

taipa que a fuligem e o pó mais e mais haviam enegrecido, um som diferente parecia denotar, ali, a existência dum metal. A descoberto, agora, já livre da poeira, uma argola de ferro surgia bem patente... A princípio não conseguiu fazê-la mover, mas, ao cabo de alguns minutos, vergada à fôrça dum varão de ferro, consegue deslocá-la, e, com ela, desarradar uma espécie de alçapão que era, nem mais nem menos, um antigo cofre-esconderijo, onde, certamente, os antepassados da família, guardavam os seus mais preciosos haveres. E agora, ante

os seus olhos, extático e deslumbrado, o pobrezinho contempla moedas que nunca vira, joias que desconhecia e só em contos de fadas poderia ter imaginado!... Mas... era uma verdadeira riqueza, ali... ao alcance da sua mão... Nunca mais precisaria trabalhar, e, sobretudo, nunca mais sofreria os maus tratos e brutalidades do patrão com quem trabalhava... Então toda uma vida de venturas se atravessou na sua mente... Mas a noção bem clara do seu dever, depressa o voltou à realidade! Aquela fortuna não lhe pertencia. E á voz

da sua consciência, acorreram as Senhoras fidalgas do solar que, admiradas pelo inesperado do achado, o não estavam menos pelo coração daquele que, assim, tão nobremente, procedia...

Escusado será dizer que Deus não poderia deixar ficar sem prémio um acto bom e uma acção digna de louvor... O pequeno *Limpa-chaminés* já não vagueia pelas ruas da aldeia, com seu pregão costumado... Frequenta, com aproveitamento, o liceu na cidade vizinha e nas férias trás a alegria e o encanto da sua mocidade até junto das duas boas senhoras que a caridade transformou em suas bemfeitoras e de quem, certamente, virá a ser, um dia, o único herdeiro. E até o seu antigo patrão compartilhou duma boa acção, pois não pôde ser esquecido daquele que, em tempos, o agasalhou, embora nem sempre tivesse sido para êle como a sua consciência, se fôsse justa, lhe aconselharia a que fôsse... O antigo *Limpa-chaminés* divide sempre com o que foi seu amo o prémio das suas boas notas e dos seus trabalhos.



■ F I M ■

A LUA TAMBEM TEM CARA

Por *Maria Antonieta Faustino Fernandes*

Premiada da Série B

— «Zéquinha, então?
 Não vens p'rá caminha,
 Não?
 Amanhã estarás maçado.
 Ficas em casa, deitado,
 Que vergonha,
 Mandrião!»
 — «Vou sim, mãzinha
 Vou já.
 Mas chega aqui,
 Anda cá:
 Quási sôbre aquela rua
 Lá muito longe, distante,
 Não vês a Lua?!
 — Parece um balão gigante —
 Ora olha bem! Repara!
 Pois não é certo, maizinha,
 Que a Lua também tem cara?...
 — «Não, meu filhinho,
 Não tem!»
 — «Porque estás a rir, ó mãe?
 Esta certeza não mudo.
 Não vês a boca que tem,
 Os olhos, nariz e tudo?...
 Pois não vês?
 Repara bem!
 E diz'-me, também, maizinha:



— Quem é que manda o Luar
 Que está na minha caminha
 Sempre que me vou deitar?»
 — É a Lua, meu filhinho,
 Que recebe a luz do Sol,
 E a reflecte, com carinho,
 Para tornar mais branquinho
 O teu branquinho lençol...

Mas é tam tarde,
 Zéquinha!
 São horas. Vai-te deitar.
 Vamos: um beijo à mãzinha,
 Adeus!
 Basta de falar!» —

*Dai a poucos momentos,
 O Zéquinha adormeceu.
 E quem a Lua fitasse
 Veria,
 Que ela sorria,
 Para as estrélas do Céu!...*

